

Distribuição restrita aos

Classificação:

Gabinetes e Secretário-Geral

Distribuição:

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria-Geral

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO

Publicação D. Sampaio Periodicidade 1Dia 4-11-77 Pág.(s) 1 Tendência política _____

O PORTO E A CULTURA

Por JOSÉ AUGUSTO SEABRA

NO momento em que se anuncia a realização de um importante colóquio sobre o Porto na época Moderna, na nossa Faculdade de Letras, o qual irá certamente atestar, numa perspectiva histórica, o papel relevante da cidade na Cultura nacional; no momento ainda em que, talvez alertado por um sobresalto de temor ou má-consciência, o poder central se prepara — sem encontrar muito tempo disponível, é certo, ocupado que está com reuniões internacionais permanentes — para descer à «capital do Norte», na pessoa da Senhora primeiro-ministro, trazendo na agenda várias sessões de esclarecimento sobre questões ligadas à Cultura, como o mostra a anunciada companhia do respectivo secretário de Estado; no momento, enfim, em que inúmeras iniciativas, desde notáveis exposições de pintura e publicações literárias de qualidade até um festival internacional de teatro, provam à evidência que, para lá de manifestações oficiais, a criação cultural está bem viva na cabeça, no coração e nas mãos dos nossos intelectuais, escritores e artistas — num momento assim é oportuna uma reflexão sobre o papel da Cultura neste Porto em que todos vamos ancorando, por vezes tentados a levantar amarras, mas sempre ficando na esperança de poder fazer dele uma cidade moderna, europeia e aberta ao vasto mundo.

(Continua na última página)

O PORTO E A CULTURA

➔ Continuação da 1.ª página

Parecerá a alguns, obnubilados com as luzes da ribalta, que a actualidade política, em plena efervescência de uma campanha eleitoral, deveria remeter para segundo plano as preocupações com a Cultura. Mas, além de que esta é uma condição de toda a intervenção consciente na vida da Cidade, no seu sentido político — há uma Cultura cívica, como há uma Cultura política —, não deixa de ser sintomático, e em certos casos preocupante, assistirmos hoje a tentativas de instrumentalização cultural que não são mais do que formas disfarçadas de propaganda, de que importa pelo menos libertar-nos, afirmando o direito à autonomia, independência e irreductível especificidade da Cultura, perante qualquer poder.

Uma das características do Porto, na sua história pretérita como no seu passado mais recente, tem sido justamente a de não ceder às solicitações — tão típicas da nossa provinciana capital do ex-império — de transformar a vida cultural numa forma de acesso às benesses oficiais. É significativo verificar que, nos casos em que apesar de tudo acontece, se trata de cooptações e de recuperações de que os beneficiários acabam por ser vítimas, perdendo as suas raízes e portanto a sua identificação com o espírito independente e livre do Porto, em troca de qualquer prato de lentilhas... Também o contrário se verifica, felizmente, escritores e artistas havendo que optaram pela nossa cidade como sua segunda pátria: cremos que disso se não têm nem terão que arrepende.

No Porto se afirmaram muitos movimentos de ideias e das letras, bem como das demais artes. Para só remontarmos ao liberalismo, que aqui teve o seu berço, não foram alheios a esta urbe alguns momentos e figuras importantes do Romantismo, do Realismo, do Simbolismo e da Modernidade. Ao Porto estiveram ligados, de um ou de outro modo, os nomes de um Garrett e de um Herculano, de um Camilo e de um Júlio Dinis, de um Eça e de um Ramalho, de um Antero e de um Oliveira Martins, de um Nobre e de um Raul Brandão, de um Junqueiro e de um Pascoaes, de um Régio e de um Casais Monteiro, de um António Pedro e de um Jorge de Sena — para só citar os mortos. Sem falar de pensadores como um Amorim Viana e um Sampaio Bruno, um Leonardo Coimbra e um José Marinho, ou de um cientista como Abel Salazar, que foi também um singular artista. Até Fernando Pessoa escolheu as páginas da Águia aqui publicada, para a sua estreia literária, tendo afirmado que a Renascença Portuguesa «não podia ter nascido senão no Porto», tendo com ela começado «a organização da Cultura nacional».

Foi pois da mais elementar justiça que o escritor David Mourão-Ferreira, quando secretário de Estado da Cultura, tivesse decidido situar no Porto o Museu Nacional de Literatura, a cuja comissão instaladora me honro de presidir, ao lado dos poetas e escritores Eugénio de Andrade, Fernando Guimarães e Mário Cláudio. Ele prestou assim merecida homenagem à cidade do Porto, até «por se verificar a circunstância, ao longo de toda a nossa história lite-

CONTINUA ➔



rária — são palavras suas —, de a esmagadora maioria dos autores portugueses serem oriundos do Norte». Trata-se de um reconhecimento, outrossim, de que a descentralização cultural não se pode limitar a algumas frases feitas, para uso em sessões de esclarecimento ou manifestos eleitorais. Ainda bem que os secretários de Estado subsequentes têm continuado a acarinharem o projecto do Museu Nacional de Literatura, cujo relatório preliminar, elaborado pela Comissão instaladora, foi já aprovado. Espera-se que na sua visita ao Porto o actual titular do cargo, poeta e crítico lúcido e esclarecido, que aqui tivemos o prazer de receber no I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, anuncie a decisão de o institucionalizar e iniciar as obras de consolidação e restauro do belo Convento de S. Bento da Vitória, onde ficará localizado. Isso se deve, em grande parte, à compreensão do Dig.^{mo} Reitor da Universidade do Porto, que, além de se dispor a ceder o edifício, tomou a judiciosa decisão de situar na antiga Cadeia da Relação, ao lado do futuro Museu Nacional de Literatura, os museus universitários. Se a sombra de Camilo nela paira, foi uma forma de a restituir à liberdade, que toda a Cultura viva implica. Eis um exemplo positivo de coordenação cultural, feita descentralizadamente: e é essa a melhor maneira de a levar a cabo, na prática.

A Senhora primeiro-ministro terá decerto oportunidade de se informar in loco não só do estado de avanço desta iniciativa, mas de muitas outras em curso, de que não é competência minha ocupar-me. Apenas me permitirei lembrar-lhe que não tome, na sua visita rápida, as aparências mais sonantes por moedas de ouro. Neste tempo de desvalorização monetária, a Cultura quase sempre frutifica melhor no silêncio e na devoção de uns quantos que a ela se dão desinteressadamente, por puro amor e não por uns cobres, do que na publicidade dos mais ostensivos e ambiciosos. Poderia citar-lhe um exemplo simples e mínimo: num ano como este, dedicado internacionalmente segundo se diz às crianças, terá feito muito mais pela cultura destas, na nossa cidade, um pequeno grupo como o do «Pé de Vento» — discreta trupe de teatro infantil que conheço — do que inúmeros outros, cujas trombetas são politicamente ecoadas e repercutidas. Ao lado de tantos pés de vento que, nesta época de campanhas em alta voz, são abafados por ciclones e anticiclones ideológicos, oxalá ele seja, minuscualmente, o símbolo da Cultura marginalizada, a não esquecer em face da chamada — no passado apenas, espera-se — alta Cultura. Nas colectividades populares, nos clubes e associações recreativas, na cidade como nos subúrbios e aldeias que a cercam, o rumor de uma outra Cultura vai crescendo. O Porto saberá também acarinhá-la, com os seus meios próprios, mesmo que o poder dela desdenhe ou só condescenda em lançar-lhe um olhar distraído, numa visita de fim de semana.

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

